

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. o n.ºs	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1185	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	30 de Novembro de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	650	120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	650	120		

CHRONICA OCCIDENTAL

Já lá vae o tempo em que esta pacata Lisboa levava vida socegada, usando:

«Isca, fusil, pederneira

.....
Dando pancadinhas nos dedos
Até o fogo pegar.»

ou esfregando pelas paredes os fosforos de *espera galego*, o que então era já um progresso.

Já lá vae o tempo em que as damas mais nobres se confundiam, muito democraticamente, com as burguêsas e as mulheres do povo, todas por igual envoltas em seus capotes, de fino pano inglês, ou de grosso pano nacional, até ao briche, sem modas semnaes e muito boas moedas de ouro ao cantinho da gaveta, para o que desse e viesse.

Já lá vae o tempo da sege de boleia tirada ao chouto de miseros cavallos sovados do bolieiro; do pachorrento carro de bois cruzar pelas ruas da cidade como unico meio de transporte de carga, numa grande chiadeira de rodas, como que muito lhe custando transportal-a.

Já lá vae o tempo em que se ouvia o *au* do aguadeiro, o providencial filho de Tui, que desde o nascer do dia até pela noite adentro, dessedentava os *alfacinhas*.

Já lá vae o tempo dos sonnolentos lampiões de azeite de peixe, a mal quebrarem as trévas da noite pelas principaes ruas da cidade, numa tentativa de illuminação publica.

Já lá vae o tempo do *aqui de el-rei*, com que se reclamava a autoridade policial representada pelo regedor e os seus cabos de policia, sapateiros, marceneiros, funileiros, caldeireiros, homens de officios.

Já lá vae o tempo em que Lisboa comia pão de puro trigo, moido nos pitorescos moinhos da serra de Monsanto e conduzido á cidade em récuas de machos, formando bichas sinuosas pelas ruas, e á porta das padarias, onde os moços espoavam a farinha nos peneiros dando á roda todo o dia, produzindo um ruido constante de matracas a bater, com que mimoseavam os ouvidos da visinhança.

Já lá vae o tempo das bruxas, dos lobishomens, das almas do outro mundo, que passeavam pelas ruas altas horas da noite, embuçadas nas alvas mortalhas assarapantando meia cidade.

Já lá vae tudo isto e muito mais, ha bom meio seculo passa-

do, que constituia o caracter original desta Lisboa de Ulisses, da vida dos seus habitantes!

Já lá vae, mas recordal-o tem certo sabôr, neste limiar do seculo xx, em que esta Lisboa toda transformada, é bem outra no seu aspéto

material, com largas avenidas ladeadas de palacios ostentosos e estabelecimentos de luxo, desde as padarias douradas, onde se vendem mais finos doces e menos pão, até ás casas de modas, em que se expõem as mais tentadoras *toilettes* que são o ideal das mulheres e o tormento dos maridos.

Por essas avenidas vôm os automoveis em vertiginosas corridas, quer de dia, quer de noite, em que a suave luz da lua, que os poetas cantavam, é ofuscada por grandes lampadas de incandescencia electrica.

O aguadeiro foi-se na enchurada do Alviela que inundou Lisboa atravez de grossos canos de ferro, que levam a agua até ás *aguas-furtadas*.

Já se não grita *aqui de el-rei*, mas clama-se pela policia fardada e equipada, ainda que ella não appareça tão lestantemente como naquelles tempos acudiam os cabos de vigia, mais que não fossem do que em chinelos.

Os modestos e ronceiros moinhos de vento tiveram de ceder o lugar ás grandiosas moagens a vapôr, que reduzem a farinha tudo que lá lhe cái nas suas possantes mós, quer seja trigo quer seja o diabo, para fabricar o finissimo pão, bello agente de diabetes e de albuminurias.

Acabaram os lobishomens; as almas do outro mundo já não incommodam os vivos com as suas phantasmas brancas de lençol da cama; já não ha bruxas nem mulheres de virtude, mas em compensação ha madama Brouillard que faz as delicias de muitos crédulos e crédulas que a ella recorrem, como ao oraculo que lhe prediga o futuro, mediante uma competente espórtula.

E só isto faltava a Lisboa para ser uma segunda Paris, guardadas as devidas proporções.

Que illustração de povo, que assombro, que progresso realisa-do em meio seculo, que até já chegou á Republica, com uma comprehensão tão nitida, tão completa dos seus deveres e dos seus direitos, que faz a admiração do mundo inteiro.

E estava-se neste doce «engano d'alma lêdo e cego», eis senão quando cahem em Lisboa duas chinezas, ao que parece attrahidas pela Republica, esperando que esta lhe abrisse os braços, como lá pelo celeste imperio os seus irmãos os abriram á que por lá lhes appareceu.

Ellas vinham muito seguras, de rabicho cortado, signal de participarem já da emancipação do seu povo, e por isso confiantes n'uma recepção carinhosa, fraternal como pobres correligionarias, pobres sim, porque se apresen-



A ESTATUA DE D. MARIA I, QUE ESTAVA NA BIBLIOTECA PUBLICA
(Gravura extraida do livro «Retratos das Rainhas de Portugal»)

tavam modestamente, até com certa esqualidez, efeitos da jornada com pouca roupa, tão pouca que a traziam toda numas trouxinhas de mão.

Desprovidas de aparatos, de apresentações, inofensivas, sem revólveres nem outras armas de viagem; apenas dois pausinhos, como dois lapis, e nelles toda a sua sciencia, toda a sua habilitade, toda a sua benemerencia e, ao mesmo tempo todo o seu ganha pão.

Assim cahiram estas duas chinezas em Lisboa, e, em pleno Terreiro do Paço annunciaram a sua chegada e mais a dos seus pausinhos, com que principiaram a tirar dos olhos de cada um duzias de bichos, como quem tira burriés de dentro da casca com um alfinete.

Era espantoso, maravilhoso; alguns cegos aproximaram-se, e ellas com algumas gotas de um liquido que applicavam nas fontes que massajavam com os dois pausinhos, faziam saltar dos olhos bichos como d'um queijo que os tivésse, e os cegos declaravam que já viam melhor!

O povo extasiou-se, as filhas do Celeste Imperio Republicano do Oriente cahiram nos braços dos seus irmãos da Republica do Occidente e já as não largaram. Principiou a correr a fama das suas curas maravilhosas; o maravilhoso é tudo neste povo peninsular.

Vêr é a sua maior necessidade, é a sua ancianidade, e se elle visse tudo quanto precisava vêr?!

Se as chinezas tirando-lhe os bichos dos olhos da cara, elle visse melhor com os olhos da alma?!

Esta ideia entusiasmou o, já não seriam só cegos que rodeavam as chinezas. De gorra se meteram alguns capazes de vêrem um mosquito na outra banda, e á primeira prohibição das autoridades para que as chinezas continuassem nas suas maravilhosas curas, a onda popular cresceu, percorreu as ruas de Lisboa, em representações ao governador civil, ao ministro do interior, ao parlamento, empurrada a onda de umas autoridades para as outras, sem dar vazão, até que pelas 3 horas da madrugada do dia 25, as pobres chinezas e os seus pausinhos fôram postas pela policia na fronteira de Badajoz, para irem tirar os bichos dos olhos dos visinhos hespanhoes.

A Republica do Occidente não quiz as suas irmãs da Republica do Oriente, mas o povo com toda a soberania que lhe assopraram, insurgiu-se contra o rapto das chinezas e veiu para a rua clamar nos comícios, a que o acostumaram ha annos para cá. Elle queria para ali as chinezas porque elle é que mandava, e por fim deu tudo num lamentavel motim popular em que muita gente ficou ferida de espadeiradas, de cargas de cavalaria, de tiros e até de bombas, contando se os feridos por mais de duzentos e os mortos por mais de uma duzia!

Tudo em Lisboa se tem transformado. As suas largas avenidas; a sua luz eléctrica a jorrar do alto das lampadas de incandescencia; as *toilettes* parisienses das mulheres a desvendarem quanto os capotes encobriam; os automoveis accelerando o movimento de uma vida febril, em contraste com toda a fleuma e pachorra dos tempos idos.

Uma Republica, emfim, como uma aspiração a melhores tempos.

Mas o povo... na mesma; tudo posição, tudo inconsciente.

Amanhã vae consultar a madama Brouillard para saber se as chinezas cá voltarão a tirar-lhe as peneiras... os bichos dos olhos...

JOÃO PRUDENCIO.

A estatua de D. Maria I

Na sessão da Academia das Ciencias de Lisboa, de 9 do corrente, um illustre estrangeiro e socio, o sr. Edgar Prestage, participou que a estatua de D. Maria I, fundadora daquella Academia, da Bibliotheca Publica, da Academia de Fortificação, Artilharia e Desenho e de outras instituições de ensino e sciencia, se encontrava abandonada, deitada em os degraus de uma das escadas da referida Bibliotheca.

Em vista deste facto, verdadeiramente deploravel, o sr. Edgar Prestage, propoz á mesma Academia para que requisitasse aquella estatua da sua fundadora, afim de se lhe dar collocação na grande sala da bibliotheca, onde ficaria bem no seu logar.

Isto é espantoso se não vandalico! Mas é um

facto que tem sua origem numa guerra inexplicavel, que o novo director da Bibliotheca Publica, sr. Faustino da Fonseca, nomeado para aquelle logar pelo governo provisório da Republica, declarou aos retratos de insignes autores que honravam as salas daquella Bibliotheca, donde os mandou retirar a todos e com elles a estatua de D. Maria I, fundadora daquella casa, e que estava na sala reservada, ou sala de honra.

Abstemo-nos de comentarios porque a simples exposição do facto, envolve a sua condemnação apreciada pelo mais vulgar criterio.

Sem nos embrenharmos em maiores cogitações, lancemos mão do que mais se nos facilita de momento, e vejamos o que a respeito desta estatua se lê no livro *Retratos das Rainhas de Portugal*, por Francisco da Fonseca Benevides, e é o seguinte:

«Em 1783 havia o visconde de Villa Nova da Cerveira, encommendado uma estatua da rainha D. Maria I, para a sua quinta de Mafra; mais tarde, porém, mandou aquelle ministro que a estatua fosse collocada em uma das salas da bibliotheca; foi, porém, o actual conservador, Antonio da Silva Tullio, quem a fez instalar na sala da recepção e mandou gravar o epitaphio que hoje se vê. A estatua é de marmore de Carrara, em dimensões pouco mais do natural; representa a rainha tendo quarenta e nove annos de idade; o desenho (1) é de Joaquim Machado de Castro, e foi esculpida pelos seus discipulos Faustino José Rodrigues e Feliciano José Soares.

Uma outra estatua de D. Maria I, colossal, feita em Roma por José Antonio de Aguiar, e quatro estatuas representando *Europa, Africa, Asia e America*, para o monumento da rainha no largo da Estrella, existentes no museu Archeologico do Carmo, esperam, ha muitos annos, que lhe achem na cidade um logar proprio para a sua instalação.» (2)

Na *Centuria historico metrica*, Antonio José Viale, alude a D. Maria I, como fundadora da Bibliotheca Publica e da Academia das Ciencias, etc.:

«Maria outorga ás letras, a sciencia,
Em proveito commum, favor e amparo,
E deixa de real munificencia
No templo ao Sacro Amor padrão preclaro»

A estatua em questão é uma primorosa obra de arte, como todos os trabalhos que Joaquim Machado de Castro legou ao seu país e, como acima se leu, nella colaborou um discipulo do grande esculptor, de nome Faustino.

Ora sr. Faustino da Fonseca, ao menos por homenagem ao seu homonimo, deixe em paz a estatua de D. Maria I!

Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

De Dilly a Port Darwin e volta

No dia 16 de outubro recebi um officio do governador de Timor sollicitando a ida d'este navio a Port Darwin, afim de communicar telegraphicamente com a metropole e informar-me se a Hollanda já reconhecera o novo governo. No caso contrario, entendia s. ex.^a ser da maior conveniencia a demora do *S. Gabriel* n'estas paragens, desejando que por mim fosse pedida a necessaria auctorisação. Parecendo-me justas as considerações que s. ex.^a fazia no mencionado officio, resolvi partir de Dilly no seguinte dia.

Pouco depois da 1,30 da tarde do dia 17 saímos do porto e navegámos ao longo da costa norte de Timor com bom tempo e velocidade economica, dobrámos a ponta leste da ilha pelas 2 horas a. m. de 18. A's 7 da manhã do dia 19 avistámos a costa da Australia e pouco depois o farol de Charles Point. Navegámos a entrar no porto e pelas 10 horas a. m. fundeámos em frente de Palmerston, em 10 braças de fundo, no ancoradou-

(1) Deve ser o modelo.

(2) As quatro estatuas, *Europa, Asia, Africa e America*, foram ha annos collocadas na Avenida da Liberdade, nos talhões em frente da rua Alexandre Herculano.

ro aconselhado pelo roteiro. Vieram cumprimentar-me o secretario do governo Mr. Nicholas Holtze, o capitão do porto W. G. Stretton e o consul de Portugal Mr. Brown.

De tarde suspendemos e fomos fundear perto da ponte do caminho de ferro para facilitar as communicações com a terra. Só ali ha bom desembarque e as correntes de maré são violentas, attingindo 5 milhas por hora devido á grande amplitude (22 a 24 pés nas sizygias). Retribui em terra as visitas que me foram feitas e o governador d'este territorio norte da Australia, Mr. Justice Mitchell, foi para conosco muito amavel, fazendo nos todas as facilidades para o que d'elle poderemos desejar. Soube que o preço do carvão, carvão australiano fornecido pelo caminho de ferro, era de approximadamente £ 3 por tonelada, atracando o navio á ponte. Parecendo-me este preço exagerado e tendo carvão muito mais barato e melhor em Java e agua nas mesmas condições em Dilly, resolvi, sendo possivel, não me abastecer aqui.

No dia 21 recebi o telegramma da Majoria ordenando-me que aguardasse ordens n'este porto. A 22 poz-se á cunha um novo mastareu grande construído a bordo pelo carpinteiro, de dois paus que em Manila adquirimos, e montou-se o fio aereo do telegrapho que ficou prompto a funcionar. Vieram a bordo agradecer-me a visita que lhes fizera os governadores Mr. e Mrs. Justice Mitchell a quem offereci um chá. Estes senhores fizeram tudo quanto era possivel para nos ser agradaveis, convidando os officiaes quasi todos os dias para passeiar de carruagem e offerecendo-nos uma caçada aos kangaroes e *lunch* no *Jungle*, a uns 20 kilometros de Port Darwin. Tendo no dia 25 de manhã recebido ordem de continuar a nossa viagem, resolvi partir n'essa mesma tarde. Fui despedir-me do governador que partira no comboio para Pine Creek; encontrei, porém, Mrs. Mitchell que muito amavelmente me veio trazer ao caes na sua carruagem. Pelas 6,50 saímos de Port Darwin e só com uma caldeira para economisar carvão, começámos a navegar em direcção a Dilly.

A cidade de Palmerston, situada em Port Darwin, é a capital do territorio do norte pertencente á Australia do Sul. Este territorio abrange um quinto da superficie da Australia, e a sua area é superior a duas vezes e meia a da França. A população é, porém, insignificante, comparada com a extensão do terreno. Europeus e chinas pouco ascendem a tres mil, constituindo os chinas mais de metade d'este numero. E' difficil saber ao certo o numero de arborigenas, os quaes vão successivamente pesapparendo. Suppõe-se existirem actualmente uns 18:000. A falta de braços difficulta enormemente o desenvolvimento d'este paiz que póde ser aproveitado para um grande numero de culturas. O governo australiano não consente, porém, a immigração das raças de côr e o partido operario, que nas ultimas eleições teve a maioria, quer prohibir o trabalho á raça amarella, o que me parece grande injustiça, pois alguns dos seus membros pagaram ha annos £ 50 e £ 100 para poder aqui entrar. Resulta d'aqui que os salarios são muito elevados, ganhando qualquer trabalhador 10 shillings por dia. Actualmente a pesca é exercida por chinas. No proximo anno, porém, vão-lhes ser cassadas as licenças e muito provavelmente deixará de haver peixe á venda no mercado de Port Darwin. Parece-me que seria boa occasião para virem estabelecer-se alguns pescadores algarvios, a que este clima quente mas salubre não seria prejudicial. Por Port Darwin saíram o anno passado minerais de cobre, prata e estanho, wolfram, etc., no valor de 200 contos de réis, além d'uns 180 contos de ouro, e 50 de perolas pescadas por 39 palhotes, 1 vapor e 6 canoas. A riqueza principal consiste, porém, nas grandes pastagens onde se cria o gado. Em 1909 saíram por Port Darwin 37:492 cabeças de gado bovino e 693 cavallos no valor de perto de 900 contos. Em havendo quem trabalhe, a agricultura deve produzir muito. Como se sabe, na Australia existem umas 10:000 especies vegetaes, 8:000 já classificadas, muitas mais do que em toda a Europa. Todas as plantas da Europa se acclimatam n'este continente com facilidade e o trevo escocoz, por exemplo, tornou-se tão incommodo, que os governos tem tido de gastar largas sommas em extreminalo. Em varios passeios que demos ao matto, com o governador, tivemos occasião de observar a fertilidade d'este territorio.

A fauna da Australia ainda é mais curiosa do que a flora. Na Australia, indigenas, não ha orangotangos, bois, antilopes, veados, rhinoceros, elefantes, porcos, gatos, lobos, raposas, lebres, etc.

Abundam os marsupiaes, tendo nós visto gran numero de kangarões, alguns dos quaes attingem 1^m,50 de altura e 100 kilogrammas de peso. Os animaes europeus dão-se em geral bem, tendo os coelhos devastado muitas plantações. A Australia possui 650 especies de aves, ao passo que a Europa apenas conta 500. Em Port Darwin vêmos muitos bandos de cacatuas, papagaios, etc.

De Port Darwin para Adelaide existe uma estrada com 2:000 milhas de extensão. Parte d'esta distancia já se percorre hoje de caminho de ferro: a partir de Adelaide estão construídas 600 milhas e a partir de Port Darwin 140. N'este porto existe uma grande ponte caes onde chega a linha ferrea e á qual podem atracar os maiores vapores. Considerando que a amplitude das marés attinge 7^m,30, póde calcular-se a importancia d'esta ponte.

No dia 26, vento SE fraco e muito bom tempo. Ao amanhecer de 27 avistou-se pela prôa a ilha de Timor e ao meio dia fundeámos no canal entre a pequena ilha de Nusa Besi e Timor, para demorar quatro horas e não chegar de noite a Dilly. A's 4 horas suspendemos e contornámos ao longo da costa em direcção a Dilly, onde, no dia 28 fundeámos pelas 7 horas da manhã.

Foi esta a mais economica viagem que temos feito, devido ao estado do tempo, á pratica adquirida n'esta longa viagem pelo pessoal do fogo, ao bom carvão e á imperiosa necessidade de poupar o pouco combustivel que temos. Andando 8,3 milhas por hora, consumimos por dia menos de 10 toneladas, o que corresponde a 49,5 kilogrammas por milha navegada. Ao preço do bom carvão americano que mettemos em Manila a 6 dollars a tonelada, custou-nos cada milha 297 réis. E' difficil a um navio de 1:850 toneladas navegar mais barato.

Dilly, 28 de outubro de 1909.

De Dilly a Surabaya

No dia 28 convidei a jantar o governador, o commandante do vapor *Dilly* e o capitão do porto, os tres officiaes de marinha que estavam em Timor. Não tendo os governos Inglez e Hollandez ainda reconhecido a Republica de Portugal, para evitar mudar frequentemente de bandeira, o que á face do Direito Internacional me parecia incorrecto, tinha resolvido aguardar esse reconhecimento para a içar definitivamente. Além d'isso, o governador não tinha conhecimento official da mudança de bandeira e por isso a não tinha mandado içar. A guarnição, porém, mostrou-se tão desejosa que ella se içasse, que no dia 29, perto das 8 horas, antes de suspender, içamos a nova bandeira firmada com uma salva de 21 tiros. Depois de sair do porto, em formatura de mostra expliquei a situação politica do nosso paiz á guarnição, fazendo-lhe vêr quanto essa situação é delicada e a necessidade que temos de, pelo nosso comportamento nos portos e disciplina, mostrar que Portugal é um paiz civilisado, digno de occupar um lugar entre as nações da Europa.

Com optimo tempo e velocidade economica, continuámos a navegar para Surabaya onde amarámos pelas 11 horas da manhã do dia 2 de novembro, depois de ter salvado á terra com 21 tiros.

Surabaya, 2 de novembro de 1910.

De Surabaya a Singapura

A ilha de Java é a mais rica e importante das possessões hollandezas, as quaes na Oceania comprehendem uma area igual a tres vezes e meia o imperio allemão na Europa, tendo uma população de perto de 38 milhões de habitantes, dos quaes 76:000 europeus. Apesar da ilha não ser a maior das grandes ilhas do Archipelago de Sunda, é como disse a mais importante e conta 30 milhões de habitantes. Existe n'esta ilha 45 vulcões, dos quaes 28 em actividade, altissimas montanhas, algumas excedendo 3:000 metros de altura e uma muito rica e de variada flora, desde as palmeiras e coqueiros que crescem á beiramar até ao musgo da flora Alpina dos tropicos, que se observa nas montanhas. A principal riqueza agricola divide-se pelo cafe, chá, cacau, canella, pimenta, assucar, arroz e copra.

Surabaya, a capital da «residencia» do mesmo nome, está situada em 7^o,14' de latitude sul e 120^o,44' de longitude E. de Greenwich.

Posto que a capital da ilha seja Batavia, Surabaya é a mais importante cidade commercial, devido á região que occupa e á excellencia do seu porto.

Diz-se que a origem do nome da cidade é proveniente das palavras portuguezas — Segura bahia. Parece, porém, mais provavel que a origem

seja javaneza (como Soerakarta) e que queira dizer «cidade dos crocodilos». As armas da cidade representam dois crocodilos.

O porto é muito frequentado por vapores de commercio de todas as nações e por curiosas embarcações indigenas, que servem a ilha de Madura em frente da cidade e pequenos portos da costa.

Existe um arsenal de marinha onde trabalham mil e quinhentos operarios, e uma doka secca e officinas com o ferramental necessario para emprender quaesquer reparações.

Diz-se que a cidade foi fundada por Raden Rachmat, primo do principe de Modjopait e chefe de 3:000 familias. A segurança do porto e a situação da cidade sobre o rio Kali-Mas (Rio do Ouro) fizeram que depressa se desenvolvesse muito. Começou por ser governada por «regentes» indigenas que se tornaram vassallos de Deniak e depois de Mataram, o que sempre contrariou os habitantes e deu lugar a varias revoluções e guerras em que tomaram parte tropas da Companhia das Indias Neerlandezas. Depois da revolta dos chinas (1740) o governo foi cedido pelo principe de Mataram á Companhia e desde então Surabaya é a séde do governo de leste de Java.

Depois de fundear, vieram cumprimentar-nos um official da parte do chefe do porto Kapitein Luitenant ter Zee, Ch. de Lussanet de la Sabloniere, e o chefe de serviço de torpedos Luit ter Zee, 1.^a classe, J. W. F. J. de Wal.

Retribui estas visitas e fui cumprimentar o residente, o director do arsenal e o consul de Portugal Franciscus W. de Ryk. Sairam do porto para exercicios o cruzador *Holland* e um grupo de torpedeiros, ficando apenas o navio deposito, o antigo, couraçado *Koning der Nederlanden*.

No dia 4 mettemos 100 toneladas de carvão australiano ao preço de 21,5 florins f. o. b., o sufficiente para nos levar com segurança até Singapura onde o combustivel é melhor e mais barato. Foi-me offerecido um jantar pelo consul, que no seguinte dia convidei a *lunchar* a bordo em companhia do chefe do porto. Uma esquadra hollandeza, composta de tres navios, está na Australia, onde foi fazer uma viagem de seis mezes. D'um dos navios, só em Sidney desertaram 17 praças, o mesmo numero que do *S. Gabriel* desertaram na California. Os elevados salarios d'aquelles paizes novos e ricos tentam as guarnições dos navios.

A's 9,20 da manhã começámos a navegar, saindo do porto pelo Canal do Norte em direcção a Singapura. Encontra-se n'esta entrada actualmente varias barragens ou «jetées» de madeira, construídas com o fim de augmentar a corrente e varrer o canal da barra. Também vimos um vapor que reboca um arrasto com o fim de remover o lodo do leito do canal. Este lodo é muito molle e vapores ha que entram calando mais 0^m,25 do que o fundo. E' possivel que se conseguisse melhorar a entrada do porto de Macau empregando um processo analogo. A's 11,45 largámos o pratico e continuámos com muito bom tempo a nossa derrota. Pelas 9,30 da manhã do dia 7 marcámos pelo travez de estibordo o barco farol de Sambar Point (Borneo), entrando no estreito de Karimata. A's 10,30 da noite avistou-se por EB o farol de Serutu, mais aberto do que se calculava, mostrando que o resguardo grande que se tinha dado ao recife Ontario, devido á corrente não era sufficiente. Deitámos, pois, mais para o farol que ás 11 se marcou ao norte. Saimos, pois, do estreito de Karimata para o Mar da China.

No dia 8, além do ponto do meio dia, determinámos a posição do navio ás 5 horas p. m. por uma altura meridiana da lua e longitude pelo sol, ás 6,40 por meio de duas rectas de altura das estrellas Vega e alpha do Grou, e ás 11 da noite por meio de duas marcações do farol de Yang que fomos avistar para d'ali soltar o rumo a demandar a entrada do estreito de Rhio. Pois apesar de tudo isto, quando, ás 4,30 da manhã de 9, avistámos o farol de Little Karas á entrada do estreito, observámos que uma corrente nos tinha deslocado 7 milhas n'uma direcção perpendicular ao caminho. Todos os cuidados são poucos n'estes mares cheios de baixos e correntes variaveis.

A's 6 horas da manhã passámos a meia milha do farol de Little Karas, entrando no estreito de Khio d'onde saímos ás 9 horas. Pelas 10,15 fundeavamos em Singapura, no ancoradouro dos navios de guerra, salvando em seguida á terra.

Singapura, 9 de novembro de 1910.

(Continúa.)

A. PINTO BASTO.
Capitão de fragata

A Guerra Italo-Turca

Garamantos e Ghadamés

Permittam-me os leitores que encéte este artigo com uma curiosa noticia, insérta no tomo 4.^o de *El Gran Diccionario Historico*, traducção do de Moréri feita por Casadevante e dada á estampa em 1753:

«GARAMANTAS, pueblos de Getulia en Africa, habitaban antiguamente la parte oriental de Zara, y la occidental de la Nubia. Veense tambien las ruinas de la ciudad de Garama.

Eran considerados en otra tiempo estos pueblos, como situados en el remate de la tierra de aquella parte. (Virgilio, *Eneid*, lib. 6, v. 194.)

Super et Garamantas et Indos

Proferet imperium

(*Ecloga* 8, v. 44)

Ismarus aut Rhodope, aut extremi Garamantes

Plinio, lib. 5, dice que el camino para ir á ellos era no conocido, y Tácito lib. 4, habla de los Garamantas como de un pueblo belicoso, indómito y lleno de grandes ladrones.

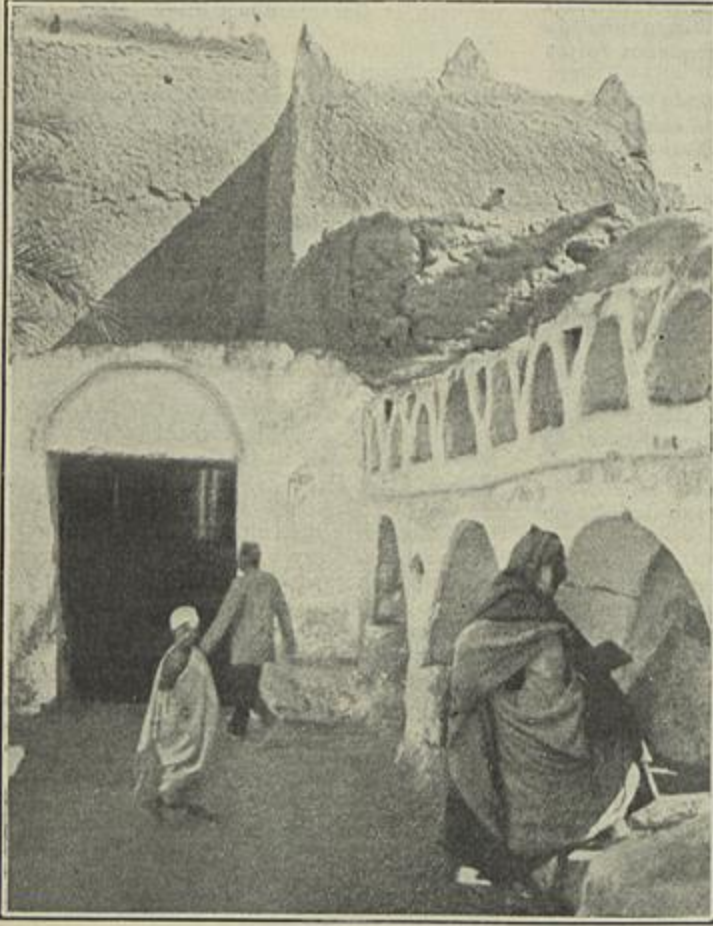
Lucano, *de bello civili*, lib. 4, dice que andaban desnudos. El dia de oy los habitadores de este paiz, que comprehende el reyno de Borno son en parte blancos y en parte negros. Son urbanos, y hazen algun negocio; pero tienen sus mujeres y sus hijos en comun, y casi viven sin religion como los antiguos Garamantas. Se dice que los particulares reconocen por hijos á los que se les asemejan y que los mas romos son tenidos por mas hermosos. (Plinio, lib. 5, c. 8. — Strabon, lib. 17. — Cluvier, lib. 6, c. 4. — Isidoro. — Juan Leon).»

E' tambem curiosa, para estabelecer confronto, a noticia que vou reproduzir do tomo 15.^o de *Encyclopédie, ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, edição de Lausanna e Berne, 1779, dirigida por Diderot e d'Alembert:

«GARAMANTES, *Hist.* Les Garamantes que les anciens regardaient comme une tribu numide, habitoient un pays qui étoit tout en longueur, et qui confinoit à l'Éthiopie proprement dite: c'étoit pour ainsi dire la patrie de toutes les especes de bêtes féroces qui sembloient disputer aux hommes l'empire de cette contrée.

La guerre continuelle que les habitants avoient à soutenir contre ces animaux, auroit dû élever leur courage audessus des périls; et comme ils ne subsistoient que du produit de leur chasse, ils vivoient dans un état de guerre; mais malgré cet exercice qui suppose du courage, ils étoient si pusillanimes, qu'ils trembloient à la vue d'un étranger désarmé; et eussent-ils été vingt contre un seul agresseur, ils n'auroient opposé aucune résistance. Telle fut la lâcheté des premiers Garamantes, mais leurs descendants donnerent dans la suite plusieurs témoignages d'intrépidité; et comme la vie nomade endurcissoit leur corps, on les compta au nombre des nations nées pour la guerre. Les déserts qu'il falloit traverser pour aller jusqu'à eux, assurent leur indépendance. Leur pauvreté ne pouvoit allumer l'avarice d'un conquérant; et les brigands qui infestoient les routes, étoient autant de remparts qui les défendoient contre les incursions de leurs voisins; ainsi ils eurent peu d'occasions d'exercer leur courage. Les Romains qui vouloient avoir des sujets partout où il y avoit des hommes, en firent la conquête. Cornelius Galba obtint les honneurs du triomphe pour les avoir subjugués; mais trop farouches pour se familiariser avec le joug, ils rentrent bientôt dans la jouissance de leurs droits, et ne voulant obéir qu'à leur chef, ils se choirent un roi qui embrassa la querelle de Tacarinas, contre les Romains. Ptoloméé assure qu'ils étoient nombreux et puissans, et que ce fut leur attachement pour la vie sauvage qui les empêcha de figurer parmi les peuples les plus célèbres de la terre. Le mariage n'étoit pas un contrat civil qui engageât leur liberté. L'union du sexe étoit autorisée par le besoin momentané de se reproduire. L'amour chez eux n'étoit qu'un appétit brutal. Le culte d'un peuple qui n'a point de demeures fixes, doit être simple; ses autels et ses temples ne pourroient être transportés dans les différents contrées qu'il parcourt: les Garamantes, quoique toujours errans, avoient consacré un temple en l'honneur de Jupiter Ammon, objet particulier de leur culte. Ce dieu y étoit représenté avec des

Guerra Italo-Turca



UMA EMCRUZILHADA DE ARQUITETURA SONDANESA



RUA DE ARCADAS DENTADAS DO BAIRRO DE DJERISSANE

cornes de béliar, symbole de l'abondance. Cette contrée, ainsi que la Lybie, mourissoit quantité de brebis dont le lait servoit de nourriture à ce peuple pauvre et frugal.

Les Nubiens, les Pérorsiens, les Tarvalséens et plusieurs autres peuples qui occupaient la haute Guinée, semblent avoir été les tiges ou les rameaux des *Garamantes*, puisque tous étoient compris sous la domination générale d'Ethiopiens. Ces peuples offrent les mêmes traits, et leur langage est peu différent. Les Carthaginois avoient des relations avec ces peuples ignorés du reste de la terre; ils en tirèrent des troupes dans la guerre qu'ils eurent à soutenir contre Gélon, et

l'on sait qu'ils se servoient dans leurs expéditions, de chariots armés de faux, de l'arc et de fleches. Ils d'étoient polygames, on plutôt le mariage n'étoit chez eux qu'une union passagere, qu'une jouissance brutale, comme les bêtes dont ils avoient l'instinct plutôt que la raison qui distingue l'homme.»

O que, em ultima analyse, nós podemos asseverar, ao certo, é que os garamantos são um povo indigena da Africa, interior, no sul do Atlas, e que Garama, Gherma actual era a cidade preponderante.

Cornelio Balbo, hespanhol de origem, no anno

21 antes de Christo, commandou uma expedição contra esse povo, por parte dos romanos.

A'cerca de Ghadamès, elucida o *Dictionnaire Universel d'Histoire et de Géographie*, por Bouillet, nos seguintes termos:

«GHADAMÈS ou Rhadamès, oasis d'Afrique, dans l'E'tat de Tripoli, au S. O., renferme 92 villes ou bourgades, et forme comme une république tributaire du pacha de Tripoli. Elle a pour ch. — l'une ville du même nom, à 400 kil. S. S. O. de Tripoli, par 8.° 5' long. E., 30° 41' lat. N. Cette oasis, couverte de fôrets de palmiers, produit des dattes en abondance. Commerce avec Bournon,



A PRAÇA DE MÛRIER, CIRCUNDADA DE ARCADAS
A CIDADE MISTERIOSA DA TRIPOLITANA: GHADAMÉS
(Fotografias de M. Pervinquiere)

Kachena, Tomboucton. Aux environs, ruines d'une ville, Cydame, soumise par les Romains l'an 19 de J. C.»

Melhor do que qualquer descripção que eu tentasse n'este momento, relativa á formosa cidade de Ghadamès, fala a esplendida gravura que o presente numero d'esta notavel revista estampa com irreprehensivel esmero, e por isso devo abster-me de palavras inuteis, pela evidente redundancia.

Não fazem nitida ideia do que seja uma povoação qual essa que a referida estampa colloca em fóco, todos aquelles que estão acostumados ao recinto das nossas cidades, cheias de movimento e de confôrto.

Ghadamès não tem nada de isto que patenteia Paris, Londres, Vienna d'Austria, Bombaim, Rio de Janeiro, New York, etc., etc. aos olhos do viajante rico, ávido de deslumbramentos luxuosos; mas, em compensação, é exótica e peregrina em certo sentido, irrealizavel mesmo, no *quantum* de mysterioso apparente, com quantos centros buliçosos avolumam no registo aureo dos paizes cultos. Seria, por ventura, satisfação de sonhadores, phantasticos, o transporte pratico da propria cidade de Ghadamès para algum dos principaes museus da Europa ou da America.

Então, haveria prompto e facil accesso de desabafo curioso, a muita gente abastada que não se abre de commodismo estreito para abraçar *de visu*, ao largo, no amplo scenario da Natureza, com sabor local, os quadros typicos de originalidade remota e primitiva, que edificam o espirito e sensibilizam as faculdades.

D. FRANCISCO DE NORONHA.



IGREJA DA MISERICORDIA DA PEDERNEIRA

A Misericórdia da Pederneira

Em nenhum paiz da terra ha instituição philantropica superior, nem igual.

GARRET.

No ponto mais elevado desta antiquissima villa se ostenta o magnifico templo da Misericórdia, e o seu pequeno Hospital, cuja fundação, como affirmam escriptores de grande auctoridade, teve logar antes de 1660.

Aos seus fundadores e benemeritos cooperadores se deve o progressivo augmento de seus rendimentos, que, pelo volver dos annos, attingiu uma somma relativamente importante, a qual comparada com a das misericórdias, que fóram dos antigos coutos d'Alcobaça: Aljubarrota, (1) (apesar de todos os seus edificios e rendimentos), Alvorinha, (fundada em 1605), (2) Cella, (fundada em 1585), (2) Cós, Evora, Maiorga, Santa Catharina e Turquel, era, realmente muito superior, e nas circumstancias de não se dar a menor falta ou interrupção no seu funcionamento. Pois, não obstante a superioridade de seus rendimentos, foi mandada annexar á Misericórdia d'Alcobaça nas mesmas condições em que o fóram aquellas misericórdias pela provisão de 15 de maio de 1775. E' certo que não

(1) Esta misericórdia não tem hospital.
(2) Com relação ás outras misericórdias ignora-se a data da sua fundação.



A VILA DE BELVER

(Fotografia do sr. M. Catarino — Cliché da «Mala da Europa»)

poude ser mantida integralmente esta annexação, porque attendendo-se ás razões expostas nas estações competentes em favor da misericórdia da Pederneira, não se fez demorar a sua desannexação, que foi levada a effeito pela provisão de 24 de maio de 1781 (1).

Tendo immediato cumprimento esta provisão continuou a Misericórdia da Pederneira a prestar, cerca d'um seculo, aos pobres e infelizes desgraçados, que a ella recorriam, os seus dedicados e meritorios serviços, os quaes, por motivo d'ordem puramente economica, consoante a portaria do Ministerio do Reino hoje Interior, de 27 de junho de 1877, fôram commettidos á administração da Casa da Nazareth com obrigação de custear o antigo hospital d'aquella misericórdia (2), e, consequentemente d'olhar pelo templo e pelas suas imagens, d'entre as quaes — a de maior destaque — é a do Senhor dos Passos, visto o seu inestimavel valor artistico, que muito honra o seu author e a arte portugueza; e, na verdade, é uma imagem que pelo seu venerando aspecto nos enche o espirito de respeito, e os sentidos de admiração.

Merecidos louvores cabem ás mezas administrativas, que então geriram este instituto de caridade e beneficencia, e não menos a seus fundadores, a cujo nome estão vinculadas honrosas tradições de que é um frisante e eloquente testemunho a curiosa inscripção, que abaixo transcrevemos, dividida em duas grandes lapides, collocadas á direita e á esquerda da porta da entrada do templo da Misericórdia.

Eis os lettreiros, segundo a graphia da epoca:

OBR.^{OS} Q TEM ESTA S.^{TA} CASA. HUA MISA SEMANARIA
PELAS ALMAS DOS IRMAOS UIUOS E DEFYNTOS
E BEMFEITORES DESTA S.^{TA} CASA.
TEM MAIS VINTE E NOVE MISSAS TODOS OS ANNOS
PELLAS ALLMAS DOS DEFYNTOS Q DEIXARÃO
CEVS BENS A ESTA S.^{TA} CASA.
TEM MAIS HUA MISSA SEMANARIA DA CAPELLA
Q INSTITUHU O DEFUNTO JOSE GOMES DE GOIS P.^A O
Q DEICHOU DOIS MIL CRUSADOS A ESTA S.^{TA} CASA
O ANNO DE 1716

Na pedra á parte esquerda de quem entra, continua:

TEM MAIS DE OBRIGAS. HUA MISA COTIDIANA
PELAS ALMAS BEMDITAS DA CAPELLA Q INSTITUHIRÃO
OS HOMENS DO MAR DESTA VILLA E SITIO
DE NOSA SR.^A DE Q FIZERAO
E DOARAO P.^A CENPRE A DMINISTRAÇAM A ESTA
S.^{TA} CASA DANDO-LHE DE CADA COATRO MIL R.^S Q D.^S
LHE DER DE SUAS PESCARIAS HUM TOSTAO
P.^A A DITA CAPELLA D Q FISERÃO IRREUOGAVEL
ESCRIPURA A ESTA S.^{TA} CASA DE MIS.^A

Synthetiza este documento epigraphico o culto de caridade e beneficencia entrelaçado com o da religião para maior lustre e engrandecimento da mais santa das instituições, em cuja esphera de acção se tem evidenciado, nos termos expostos na citada portaria, a administração da Casa da Nazareth, como tem attendido ao bom estado de conservação do templo da extincta Misericórdia, e muito principalmente ao da varanda exterior do mesmo templo, donde se desfruta o grandioso panorama que a natureza nos offerece á vista em quasi todas as direcções: em frente, — a vastidão incommensuravel do mar, onde se divisam ao longe, em dias limpidos e claros, as Berlengas com seu pharol, os Farilhões e as Estrellas, a ponta de Peniche, — a Praia, o mais bello e melhor bocado da occidental praia lusitana juntando-se-lhe o aspecto branco da casaria, alinhada em extensos arruamentos, e convenientemente protegida pelo paredão caes, em via de conclusão, compreendendo a parte norte essencialmente a praia de banhos, em optimas condições d'abrigo, e a parte sul, sempre coalhada de barcos de pesca, theatro de immenso bulicio, a praia de pescada. Do lado do norte o Sitio com a sua capella junta do historico penedo, que sobre o mar, em forma pyramidal, sae uns sete metros fóra da rocha como para nos indicar a origem do nome desta povoação — a Nazareth, — ligada á Praia, desde 1889, por um funicular quasi a prumo, e mais além a velha fortaleza de S. Miguel sobre os rochedos escarpados, tendo, em uma das suas extremidades, um pharol de luz fixa e vermelha; e, como remate a este formoso quadro,

as fazendas de sob-villa, todas vicejantes de verdura, em que se destaca uma ou outra casa campestre, e sobre tudo o pittoresco Alcôa correndo sereno por entre fecundos campos, onde, em tempos recuados, existiu uma bacia ou lagôa, que formava o antigo porto fortificado da Pederneira (1); em fim um prodigioso conjuncto de bellezas naturaes que todos os annos em setembro e outubro vimos admirar; e ao mesmo tempo prestar o mais saudoso respeito á memoria de aquelles que na vida nos fôram caros, e que, em campo santo, junto a este velho templo, dormem o ultimo somno, sem comtudo olvidarmos nomes conspicios, alguns em numero, muitos em valia, e de honrada memoria, cujas biographias nos dariam assumpto para bem acabados panegiricos.

LINO J. F. DA COSTA.

Belver

E' uma vila da Extremadura cujo nome provem da sua béla posição, tendo-lhe sido dado pelos cavaleiros de Malta, quando ali edificaram o seu castélo.

Pertence ao distrito de Santarem, comarca de Abrantes e concelho de Mação, distando 24 kilometros a E. de Abrantes, 35 do Crato e 165 a E. de Lisboa.

Esta vila era uma das doze que pertenciam ao grão-priorado do Crato, e tambem foi da comarca de Thomar.

Ao terreno em que Belver está edificada se chamava antigamente *Guidimtesta*. D. Sancho I deu este terreno a D. Afonso Paes, prior da Ordem do Hospital (Malta) em 13 de junho de 1194, para que os cavaleiros aqni edificassem o seu castélo, o que assim fizeram, e logo a vila se foi edificando tambem pouco a pouco junto ao castélo.

O condestavel D. Nuno Alvares Pereira, reedificou e ampliou o castélo, pelos annos de 1390. Colocado para O. em ponto alto, o seu aspéto é grandioso e ainda mais pela torre de menagem, que se eleva a grande altura, donde a vista se estende por montes e campos, até Castélo de Vide, distante 48 kilometros, Gavião, Mação, etc.

Dentro do castélo ha uma capéla dedicada a S. Braz, a qual o infante D. Luis, filho de el rei D. Manuel, enriqueceu com muitas reliquias de Santos. Tambem consta que ali viveu algum tempo a princesa Santa Joana. Tudo isto, porém, está em ruinas e duas grandes cisternas entulhadas.

E' este o estado em que, geralmente, se encontram todos os castélos do nosso país, ainda aquelles que mais importancia tem na nossa historia.

Belver, cujo ultimo foral conhecido, lhe foi dado por D. Manuel I, em 18 de maio de 1518, tem uns 300 fogos, com sua igreja matris de tres naves de boa construção. Tambem possui Misericórdia e Hospital.

Situada em uma aprasivel, saudavel e fertil baixa, é cercada de pomares, hortas e olivaeas, banhada pelo Tejo, que lhe corre ao S. e devida o seu termo do de Gavião.

A DESHONRA

Romance

POR

D. João de Castro

Não é novo para nós o nome d'este distinctissimo escriptor que — como quasi todos os bons prosadores — terçou as suas primeiras armas no campo da Poetica, e D. João de Castro foi um dos mais inspirados da pleiade dos *novos* conhecidos pelos *nephelibatas*. Deixando, porém, de

(1) Este porto, segundo alguns escriptores, deu navegacao até 1606. De facto, occupando as aguas interiores d'esta bacia ou lagoa a extensão dos campos ou pelo menos os denominados Campos e Algerifeira, formavam uma barra capaz de embarcações de tres masts, que principiou a perder-se no seculo xv, e no seculo xvi existia inteira a torre militar, que a defendia, e a casa em que se alfundegavam as fazendas; e ainda no tempo d'Afonso VI se construíram hiates e navios junto das pontes da Barquinha por mandado d'este monarchia.

poetar, apparece-nos n'um dado momento como escriptor de pulso firme, estando ahi a attestarem a verdade da nossa asserção esses primorosos volumes de prosa: *Os Malditos*, *Morte de homem*, *Redempção*, *Jornadas no Minho* (cuja forma ironica lembra por vezes o sarcasmo de Eça de Queiroz), e, ultimamente, *A Deshonra*, cuja maneira se assimilha, em alguns pontos, á de Camillo Castello Branco.

Em estylo terso e fluente, esta novella — cuja leitura nos enleva o espirito e nos arrebatava a alma — possui uma intriga magnificamente urdida, uma psychologia scintillante e uma acção intensa em que o imprevisito se combina excellentemente com as mais profundas emoções.

N'este romance se descreve a vida de uma mulher que, seduzida, traída por um amigo do seductor, caiu no tremedal do vicio d'onde se ergueu á appareção do filho, redimindo-se e purificando-se. Essa figura de cortezan, essa Cesarina, a personagem principal do romance, é fortemente traçada por D. João de Castro; essa figura aureola-se d'um nimbo de pureza que a torna sympatica, em contraoposição com a figura de Jacome Corrêa que é antipathica sempre.

Giram em torno d'esse romance mais quatro personagens interessantes, destacando-se o do sarcastico Braz Themudo, typo que nos lembra, por vezes, um personagem dos romances de Eça.

A leitura d'essa novella causa-nos tão boa impressão que é com o maximo prazer que registamos o apparecimento d'esse volume — editorado por Gomes de Carvalho —, pois D. João de Castro é dos poucos, pouquissimos mesmo, a quem não é costume fazer a justiça que merece. E' modesto, certamente; será, porém, esse o motivo por que — em geral — se faz em sua volta um mutismo incomprehensivel?

Lamentamos devéras que só os que andam a mendigar elogios pelas gazetas, tenham jús a essas homenagens e aquelles que realmente têm valor se lhes regateiem encomios ou se refiram n'um simples *recebemos e agradecemos* — gasto e sédiço — de tres linhas, noticiando o apparecimento de um bello trabalho litterario.

Que nos perdôe Caetano Alberto este desafogo adentro do seu querido OCCIDENTE que, felizmente, não faz parte d'esse numero.

Em notula diz-nos D. João de Castro que: este livro foi escripto ha seis annos e que pensou modificá-lo, mas reconhecendo que esse trabalho o obrigaria a refundir por completo o romance, resolveu publicá-lo assim mesmo, pois marca apenas o caminho de uma jornada litteraria.

Concluimos por felicitar calorosa e cordealmente D. João de Castro por mais esta primorosa novella que vem enriquecer a nossa, agora, tão decadente litteratura nacional.

VI — XI — CMXII.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1183)

— Companheiros — disse eu — claramente vemos o que está succedendo. Não temos rancôr nem vontade de combater esses homens, e elles muito menos o teem, mas é provavel que procurem incital-os. Não os podemos amparar nem elles nos pôdem ajudar. Veremos no que isto dá. E' só questão de esperarmos um pouco.

Falei com uma confiança e tranquillidade que o tempo não justificou. E assim como o amanhecer nos dera alma nova ao nosso corpo,

de igual modo também tinha robustecido a dos piratas e lhe havia dado valor para qualquer acto de desespero.

Durante algum tempo vimos os bandidos remar de um lado para outro; umas vezes mettendo-se na sombra da ilha, outras avançando para nós, mas sem apontar-nos as armas nem lançar-nos qualquer ameaça.

Por ultimo reuniram-se todos e agitando um pedaço de véla na ponta d'um páu, approaram á porta pequena, acompanhando os seus gestos de palavras dóces, e protestando a sua honradez.

— Desejam treguas — observou Peter Bligh quando viu a manobra — e isso é um mau pensamento. Meu pobre pae costumava dizer: «Quebra-lhe primeiro a cabeça e depois passa-lhe a certidão.» Era um excellente homem e que fez muito bem cá n'este mundo.

— Assim o creio, Peter — respondi — devia ter feito muito bem a julgar pelo que contas d'elle. E' pena que não esteja hoje aqui, para prégear a sua bondade a estes excellentes piratas. Teem tanta necessidade de um coração amigo. . .

Divertia-me assim com Peter, mas a verdade é que elle tinha razão em julgar haver risco em parlamentar com os bandidos, pois que podia novamente encetar o combate, segundo observou Clair-de-Lune.

— Hoje não darão elles um tiro — disse o velho — estão desfallecidos, mortos de fome; Czerny abandonou-os. Por quem irão combater? Não lhes fica o estomago?

— O mesmo que dizer fica-lhes o coração — accrescentou o dr. Grey, que estava ao nosso lado. — Essa é a verdade, e uma coisa tão humana como natural. Não se pôde combater todos os dias, assim como não se pôde amar todos os dias. Estas coisas veem e vão como os accrescimos. Se eu estivesse no seu logar, capitão, não lhes teria medo.

— Medo?! . . . Foi coisa que nunca conheci em minha vida, — respondi bruscamente. — Não me accusa a consciencia por essa parte. Mas parece-me que o senhor tem razão. Quanto a amar todos os dias . . . pôde perguntar aqui a Dolly Venn. Pelo que presenciei entre elle e Rosamunda, lá em baixo, na casa submarina, deve o rapaz ser uma auctoridade no assumpto. Não é verdade, Dolly? E's ou não capaz de fazer amor todos os dias?

O rapaz fez-se vermelho como uma lagosta cozida e Peter Bligh não pôde conter um «mae-vos uns aos outros» do texto biblico.

Entre risos e chalaças d'este genero nos encontravamos cheios de confiança ao vêr o aspecto que apresentavam os bandidos, que já nos causavam dó, quando chegámos até á borda da rocha e sem apontar as armas contra elles, os chamamos e lhes perguntamos que desejavam.

— Eh! . . . ah! . . . A que porto se dirigem? — gritou Peter Bligh com uma voz capaz de fazer abrir-se o mar.

Responderam-lhe pondo-se em pé no bote e estendendo os braços cabelludos e tostados pelo sol.

— Agua, agua, companheiros, por amor de Deus! . . .

— E como é que sabem se temos agua ou não? — continuou Peter.

— Porque d'isso cuidou o nosso capitão Diabo — voltou um d'elles alludindo a Czerny com este apodo. — O capitão Diabo não é homem capaz de deixar a sua casa sem agua.

— E safou-se, o capitão Diabo — tornou outro. — Desgraçado de quem se fiar n'elle. Largou de noite, porque tinha coisas urgentes a tratar em S. Francisco. A gente fiou-se

no que elle dizia, mas no momento de perigo. . .

Outro atacou:

— Daria tudo para o ter agora debaixo dos pés! Tenho a garganta seca. . . Companheiros, por Deus, compadeçam-se de nós! Humedeçam-nos a lingua, como diz a Biblia! . . .

E outras phrasses compassivas nos dirigiam, algumas em francez, mas a maior parte em allemão.

Dos botes que tripulavam, dois d'elles dirigiram-se para a porta pequena mas cinco estavam em volta da nossa rocha e approximavam-se tanto que quasi lhes poderia atirar com alguma bolacha. Nunca vira caras tão repugnantes!

Homens com musculatura de aço, allemães, turcos, francezes, gregos, negros. Uns armados de espingarda, outros de machados de abordagem, todos apinhados nos botes, gritando, gesticulando e pedindo-nos misericordia.

Então, pela primeira vez pude observar os destroços que o mortifero canhão tinha feito durante as temiveis trevas.

Era horrivel vêr aquelles homens com os membros mutilados, as feridas abertas, o cabello revoltado e as caras revelando febre. Alguns dos botes mesmo denunciavam a parte que tinham tomado na lucta, todos lascados, como se tivesse cahido sobre elles uma chuva de folhas cortantes. Por isso me não admirei de que pedissem treguas, e sabendo porque a pediam, fiquei também sem saber o que devia fazer. Se os deixassem pôr o pé na rocha, nós que eramos apenas um punhado de homens, seríamos derrotados e lançados no mar. A caridade mandava-me dar-lhes a agua pedida, mas a prudencia gritava-me: «Deixa-os lá, não faças caso!»

— Que me tornem negro, se essa gente tem vontade ou força para combater! — disse Peter Bligh depois de os observar um pouco com certo ar de desprezo. — Não valem uma pitada de tabacol. . . Mas não lhes pôde dar agua, capitão, porque tem pouca para si.

Clair-de-Lune, que era homem de raciocinio, foi também de opinião que não devíamos dar treguas aos piratas, embora elles se apresentassem cheios de humildade.

— Mantenha-os a distancia, capitão — aconselhou elle. — Olhe que é uma gente que não tem respeito a nada e são muito perigosos. Elles pensam mas é em dar cabo de nós. Bebem a agua e depois degollam-nos. Faça de conta que a cisterna está vazia. Virem aqui? Se desembarcam, estamos perdidos, creia.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.



PELOS TEATROS

Cinematógrafos

O agrado extraordinário que este género de espectáculos mereceu ao público justifica-se por duas razões.

Uma porque lhe proporciona uma hora de distracção despreocupada fazendo passar deante dos seus olhos a reprodução autentica das scenas mais variadas, do verosimil ao inverosimil, da realidade á mais pura fantasia. Outra porque é o espectáculo mais barato e por isso aquelle que está ao alcance de todas as bolsas.

Ha muitas pessoas que desde que os cinematógrafos se vulgarisaram deixaram por completo de frequentar os teatros.

Terá o cinematógrafo o poder de atraír mais fortemente os espiritos, de fazer nascer um interesse mais vivo, com as suas scenas reais ou irreais, em que o personagem nos mostra apénas a naturalidade do seu gesto e o seu trabalho fisionómico que nos traduz o seu sentir?

Ou será a multiplicidade de assuntos que ali

se tratam, entremeando o cómico com o dramático, o poético com o grotesco, o trágico com o natural que assim cria tão grande numero de adeptos, de fanáticos pelo cinematógrafo?

O caso é que com mais facilidade se encontra um teatro com pouca gente do que um cinematógrafo com muita, donde se conclue que, ou por uma questão de economia ou por falta de sentimento artistico, o nosso público prefere distraír o seu espirito na contemplação de uma fotografia animada a entregar-se a uma visão de arte em que a sua alma profundamente se emocione com o mágico poder das palavras formando grinaldas de pensamentos sublimes.

Não me julgem um adversário sistemático do cinematógrafo, pois que, pelo contrário, eu gosto muito de vêr fitas que tratem de assuntos delicados e sobretudo aquellas que representam paisagens, panoramas, vistas de cidades e de monumentos, que nos fazem traspôr, por um momento, enormes distancias, levando nos a observar, ainda que ligeiramente, coisas dignas de admiração, numa impressão tão rapida como o movimento do aparelho projector. Quiz apenas acentuar que os cinematógrafos tiram aos nossos teatros uma grande parte do público, o que lastimo. São muitos e alguns têm atracções que bastam para nêlles se poder passar uns momentos agradaveis.

Façamos uma digressão pelos cinematógrafos de Lisboa, fazendo observações muito superficiaes, visto que em cada um delles encontraremos um género, um público, uma especialidade, um motivo de atracção diferentes.

Entramos no *Chiado Terrasse* numa terça-feira. A enorme sala de paredes brancas, de relêvos de ouro, apresenta-nos um aspecto confortavel, alegre e elegante. A concorrência é grande. Aqui e além enormes plumas enfeitando chapéus de senhoras e passeando ou conversando os nossos rapazes de bom tom que mostram estar ali por ser moda ali ir. Pela mesma razão iriam á China tomar chá com Yuau-Shi-Kay.

Trocamos cumprimentos, sorrisos discretos, conversa-se, dá-se consumo ao *flirt* e faz-se deste cinematógrafo um ponto de reunião elegante.

Começa a sessão e as lindas bonecas de labios vermelhos e os olhos sonhadores mal prestam atenção ás fitas que, em geral, são interessantes, para dar ouvidos a uma harmonia mais suave que a que o sexteto executa e que lhes é cantada brandamente por um adolescente de cabelos loiros, de maneiras finas e delicadas.

No *Central* encontra-se um publico mais comedido que vae ali não só para vêr as novidades que lhe anunciam, mas principalmente para ouvir o sexteto que é indiscutivelmente um dos melhores de Lisboa e que xima sempre na execução de um programa escolhido.

A volubilidade e o espirito leve do *Chiado Terrasse* são ali substituidos por um aspecto mais sério e uma atenção religiosa pelo culto da musica. Isto na maioria dos espectadores.

O mais vasto cinematógrafo de Lisboa é o *Salão da Trindade*. A concorrência de espectadores que ali se nota é, em parte, devida ao bem orientado reclamo que a empresa tem sabido fazer da sua casa de espectáculos.

Fitas de grande successo, de scenas emocionantes, uma seqüência de aventuras ousadas, um romance reproduzindo de preferencia scenas baixas e ignóbeis, são apresentadas ao publico com os nomes de *Escrava Branca*, *Amôr de Perdição*, *Oriental*, etc.

Ellas prendem muito a atenção do público que gosta desses espectáculos em detrimento de outros melhores.

Quasi todos os outros cinematógrafos têm apresentado também fitas desta natureza, mas o que mais tem explorado este género tem sido o da *Trindade*. Algumas dessas fitas, em que não falta o imprescindivel detective, personagem que, hoje, ha-de entrar em todos os assuntos que procurem exito, são prejudicadas por certas inverosimilhanças que produzem no espirito do público, não a sensação de uma historia veridica, mas a de um conto fabuloso em que os personagens vestissem casaca.

Conan Doyle, Maurice Leblanc e outros levaram até ali a sua influencia.

As fitas de grande extensão cujos nomes são repetidos incessantemente vezes, produzem, sem duvida, uma impressão mais duradoura que as pequenas fitas que tratam de assuntos ligeiros e que a meu vêr são uma das melhores qualidades dos espectáculos cinematográficos.

Um outro em que também se exibem frequentemente essas fitas é o *Olimpia*.

Tem uma confortavel sala que é muito concorrida, encontrando-se ali muitas vezes pessoas da melhor sociedade.

